

## **B - FIDELIDADE ÀS ORIGENS E LEMBRANÇAS DOS GRANDES MESTRES:**

### **MESTRE AUGUSTO MAGNE.**

(1957)

Os amigos, admiradores, ex-alunos e discípulos do Padre Augusto Magne promoveram-lhe domingo, dia 30 de junho, uma homenagem no Salão Nobre do Colégio Santo Inácio, para celebrar-lhe a investidura efetiva na Cátedra de Filologia Românica da Universidade do Brasil e consagrar-lhe os méritos quando ele se despede do magistério público, atingido que foi pela aposentadoria compulsória. Cerimônia singela, pouca gente, como costuma acontecer quando há verdadeiro valor humano que proclamar e quando o festejado viveu para os livros numa tocante fidelidade à sua vocação de intelectual.

Muitas são as pessoas, neste Brasil de Brasília e do Carnaval, que nunca ouviram sequer falar no Padre Augusto Magne. Por isso é que nos pareceu azado vir para as colunas do jornal, iniciando minha colaboração dominical nesta folha, contar quem é e o que fez e faz esse bisonho jesuíta, cuja figura esguia e hierática não revela a riqueza interior.

Augusto Magne é francês de nascimento e veio para o Brasil em 1904 para ingressar no Noviciado da Companhia de Jesus, a esse tempo estabelecido em Campanha, no Sul de Minas, aliás minha cidade natal. Esse adolescente de 17 anos terminara o curso de humanidades numa Escola Apostólica da Companhia na França e demandava o Novo Mundo com idéias de se fazer missionário nas selvas tropicais. Terminado o noviciado, atrasou um pouco sua ida para a Europa a continuar estudos, retido como professor de latim, em que já se distinguia. Depois foi para Roma e Londres, interrompendo o curso de Filosofia no segundo ano, por força de grave enfermidade que todos juravam mortal. Vencida a crise, prosseguiu o curso e, mais tarde, conseguiu o jovem teólogo licença do Superior Geral para terminar os estudos em Innsbruck, na Áustria, atraído que já estava pelas indagações lingüísticas de orientação científica. Lá conheceu Mestre Meyer-Lübke, de quem se tornou discípulo, um dos fundadores e maiores propulsores da Romanística. Com a sólida base que tinha de estudos clássicos gregos e latinos, pôde o discípulo fazer rápidos progressos e em pouco era um filólogo consumado.

Na Áustria, na Biblioteca Palatina de Viena, estudou longamente e fotografou um dos mais importantes senão o mais importante texto de prosa

medieval, *A Demanda do Santo Graal*, que veio a publicar em edição crítica muitos anos depois, em 1944, lançado em três volumes (um de Glossário) pelo Instituto Nacional do Livro.

Tornando ao Brasil, tratou Augusto Magne de injetar sangue novo na cultura lingüística indígena, então quase de todo entregue à gramatiquice e ao purismo estéril e irritante. Pouquíssimos eram os estudiosos e pesquisadores bem orientados: um Mário Barreto, um Silva Ramos, um Sousa da Silveira... Começou então Augusto Magne a publicar artigos substanciosos e revolucionários na *Revista de Língua Portuguesa*, onde se assinava com o pseudônimo de Mégacles, tradução helênica do seu sobrenome francês. Depois, foi trabalhar no Dicionário da Academia, que, como se sabe, parou na palavra *agonia*. Em 1930 fundou uma suculenta mas efêmera *Revista de Filologia e de História*, onde procurou congregar o que já havia de bom na terra e buscar colaboração de grandes mestres estrangeiros. Como era natural, a revista foi a pique, não sem recolher alguns ótimos trabalhos de seu diretor, que lá publicou, por exemplo, admiráveis “amostras de um dicionário etimológico da língua portuguesa” e uns excelentes verbetes relativos a palavras portuguesas derivadas do grego.

Dáí por diante entrou o Padre Magne a trabalhar com incansável fôlego, atacando ao mesmo tempo várias obras, algumas de grande tomo. Primeiro uma tentativa, frustrada, de certo monumental dicionário do português, que seria uma enciclopédia da língua, nos moldes propugnados por Schuchardt. Editada por Pimenta de Melo, ficou a obra nos três primeiros fascículos. Para dar uma idéia das proporções da empresa, basta dizer que o verbete “A” tinha setenta e duas páginas em formato grande. Mais tarde, no Instituto Nacional do Livro, Augusto Magne retomou o trabalho lexicográfico, agora em moldes mais humanos, tendo até agora dois tomos do *Dicionário da Língua Portuguesa, Especialmente dos Períodos Medieval e Clássico*, parados no verbete *alicantice*.

Também no Instituto Nacional do Livro vai o eminente filólogo publicando um trabalho de altíssimo valor e muito original, *Dicionário Etimológico da Língua Latina*, estendendo os verbetes por famílias de palavras e assinalando sempre, também por famílias, as resultantes vernáculas, populares, eruditas e semieruditas. Um tal dicionário dá ao consulente e, mais ainda, ao leitor, uma idéia viva, dinâmica da língua, ao mesmo passo que fornece abundante e excelente material para a Semântica. Já saíram três volumes, tendo sido último o verbete *civis*.

Além de lexicólogo ímpar em nossa lingüística e etimologista avisado e perspicaz, tem se dedicado longamente Augusto Magne ao estudo da prosa medieval: já editou diversos importantísimos códices e incunábulo, como a

referida *Demanda do Santo Graal*, o *Boosco Deleitoso*, o *Castelo Perigoso* e a *Vita Christi*. Por todos os títulos notável é o Glossário que constitui o terceiro volume da *Demanda*, segunda tentativa no gênero, mas que excedeu de muito o seu modelo anterior, o magistral *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*, de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

Entrementes, o Padre Magne publicou numerosas obras didáticas, de latim, de grego, de literatura, de cultura clássica, tendo adaptado ao vernáculo, com atualização bibliográfica, o famoso manual de Laurand sobre antigüidades gregas e latinas.

Vinha o consumado mestre regendo interinamente a cadeira de Filologia Românica da Faculdade Nacional de Filosofia desde 1939, ano de sua fundação. O ano passado, para atender a reclamos legais, prestou concurso, tendo apresentado como tese um rico e excelente trabalho sobre o primeiro documento da língua francesa, os célebres “Juramentos de Estrasburgo”, de 842.

O Padre Augusto Magne professa grego na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica, da qual já foi diretor, e ensinou latim longos anos no Colégio Santo Inácio. Pertence à Societé de Linguistique de Paris, um dos mais importantes cenáculos no gênero, lá posto pela mão do cintilante mestre Antoine Meillet - e à Indogermanische Sprachwissenschaft Gesellschaft de Berlim. Quanto ao concurso para a Cadeira de Filologia Românica, escusado é dizer que todos os examinadores tiveram dez...

Até aqui o sábio. Agora, o homem.

Conheci o Padre Magne em 1930, em Campanha (Minas), quando lá foi acompanhando o Padre Natuzzi em vilegiatura: tinha eu meus saudosos treze anos. Fiquei logo cativado pela simplicidade, pela bondade e pela doçura do jesuíta. Mais tarde, já órfão de pai, vim cá para o Rio trazido por sua mão generosa e amiga. Localizou-me numa pensão de cearenses junto ao Colégio Santo Inácio (onde fui co-hóspede do então Padre Hélder), e durante dois anos e meio convivemos dia por dia, recebendo eu dia por dia suas incansáveis lições de Lingüística, de Filologia e de vida cristã. Foi dele que tive orientação na especialidade, foi em sua farta biblioteca que tomei conhecimento dos mestres, inacessíveis ao meu furado bolso, foi trabalhando com ele em Lexicografia, em edição de textos e em colheita de materiais que aprendi ao vivo o método da Ciência da Linguagem, foi por indicação dele que o venerando Sousa da Silveira me convidou para seu assistente na Faculdade Nacional de Filosofia. Evoco estas coisas com prazer e emoção, para tornar pública minha estima, meu respeito e minha gratidão ao Padre Magne, essa extraordinária figura de infatigável estudioso e homem excelente, que agora homenageamos todos com veneração e carinho.

Aos setenta anos de idade, Augusto Magne continua debruçado sobre os livros, ávido de novidades, a receber sem parar as publicações do estrangeiro, constantemente preocupado com estar em dia com os progressos da ciência. Descansa trabalhando e distrai-se decifrando e examinando, fotografias de documentos e textos sem autor, manuscritos há oitocentos, setecentos, seiscentos anos atrás. É um boêmio, como o possa ser um virtuosíssimo sacerdote que só pensa em Deus, nas almas e nos livros, permanentemente distraído e extremamente afável com todos os que dele se aproximam. De saúde débil, tem por antiqüíssima companheira, uma velha dor-de-cabeça que nunca o deixa, mas que não o afasta do estudo. Tem cabeça de sábio e alma de criança esse vigoroso septuagenário, que deixou sua terra natal para talvez morrer mártir no Brasil, entre os selvagens, e que afinal vem dando a vida dia por dia para melhorar, engrandecer e estimular a cultura intelectual e espiritual deste Brasil do lado de cá. Sobre o qual hoje não sei dizer se é selvagem ou se é pior do que isto.

(In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7/7/1957.)

### **SOSA DA SILVEIRA, PROFESSOR.**

(1945)

O que eu mais admiro em Sousa da Silveira não é o filólogo perspicaz e seguríssimo, não é o incomparável anotador de textos, não é o sagaz e profundo e invejável interpretador de antigas e modernas mensagens literárias, não é o grandíssimo conhecedor da língua portuguesa, não é a inteligência afeita ao mesmo tempo ao rigor à exatidão das ciências físicas e matemáticas, e às finezas e sutilezas da poesia e da mística, não é o caráter alto, nobre, incorruptível, não é a simplicidade dos verdadeiros sábios; o que mais eu admiro em Sousa da Silveira é o *Professor*.

Ele realiza o ideal do mestre. Parodiando os velhos latinos, diria eu que “magister nascitur”. Sim: o bom professor já nasce feito. As técnicas, as metodologias, as psicologias e biológicas educacionais, os planejamentos, as motivações, os interesses vitalizados, enfim, todo esse aparato da moderna Pedagogia e da moderna Didática poderão *aperfeiçoar* o professor, mas nunca *farão* um professor: *magister non fit*. E Sousa da Silveira é desses mestres que nasceram feitos. Com todas as qualidades naturais do professor e com intensa, fortíssima vocação magisterial. Tão forte, que ele cedo deixou as atividades de engenheiro brilhante que era, para dedicar-se de corpo e alma ao magistério.

Sousa da Silveira é o professor completo e o professor permanente. Completo, porque exerceu todos os graus do magistério: primário, secundário,